

EXERCÍCIOS DE TRANSCRIÇÃO SOBRE POEMAS DE
PUCHKIN (1799-1837)

(Baseados nas Traduções de Hesíodo Facó)

Horácio Dídimo

SOBRE MIM MESMO (1818)

Quero ser grande,
pois amo a glória,
serei história
na minha pátria.

Quero ser grande,
quero ser forte,
serei a glória
de minha pátria.

Prometo muito?
Será que cumpro?
Deus é quem sabe.

O sonho meu
sobre mim mesmo
entrego a Deus.

O OURO E A ESPADA (1814)

— O mundo é grande
mas obedece
ao meu tesouro,
afirma o ouro.

— O mundo é grande
mas teme o meu
fio aguçado,
diz a espada.

— Eu compro tudo,
ninguém me engana,
O ouro exclama.

— Eu tomo tudo,
não deixo nada,
diz a espada.

ULTRAPASSEI OS MEUS ANSEIOS (1821)

Deixei de amar
todos os sonhos,
só me restaram
os meus pesares.

Cruel destino
murchou as flores,
somente espero
o triste fim.

A noite fria
da tempestade
me surpreende.

Sou como a folha
que agora pende
e vai cair.

PRISIONEIRO (1822)

Água triste
companheira
de infortúnio
na prisão!

Seu olhar
e seu grito
são convites
para o vôo.

Já é tempo!
Vamos livres
para lá:

para as nuvens,
para os ventos,
para o mar!

PASSARINHO (1823)

Em terra estranha
cumpro fielmente
costume antigo
de minha pátria.

Na festa clara
da primavera
liberto sempre
um passarinho.

Como me sinto
na paz de Deus
reconfortado

por ter podido
dar a um ser
a liberdade!

SE A VIDA (1825)

Se acaso a vida
o desengana
não se entristeça
nem se revolte.

Pelo contrário
seja bem forte:
muita alegria
cedo há de vir.

Toda a tristeza
do seu presente
é muito breve.

Viva o futuro,
pois o que passa
torna-se leve.

Pura beleza
quando surgiste:
voz carinhosa,
feições queridas.

Tempos passaram,
sonhos de outros
na sombra do cárcere
se dissiparam.

Mas eis que agora,
pura beleza,
respostas.

Renasce então
amor e vida
no coração.

O CÁUCASO (1829)

Fu sobre o Cáucaso,
só nas alturas,
como uma águia
parado imóvel.

Nuvens deitam
e lá embaixo
nos avorçados
gorjeiam pássaros.

E vejo ao longe
sombra nas margens
do rio Árgava.

E o rio Terop
bate nos pedras
como uma fera.

LEMBRO-ME DAQUELE INSTANTE MARAVILHOSO (1825)

Pura beleza
quando surgiste:
voz carinhosa,
feições queridas.

Tempos passaram,
sonhos de outrora
na sombra do cárcere
se dispersaram.

Mas eis que agora,
pura beleza,
reapareces.

Renasce então
amor e vida
no coração.

O CÁUCASO (1829)

Eu sobre o Cáucaso,
só nas alturas,
como uma águia
pairando imóvel.

Nuvens deslizam
e lá embaixo
nos arvoredos
gorjeiam pássaros.

E vejo ao longe
sombras nas margens
do rio Aragva.

E o rio Tereg
bate nas pedras
como uma fera.

MANHÃ DE INVERNO (1829)

Um belo dia
de frio e sol
mas minha amiga
ainda dorme.

Ontem à noite
o céu em trevas
e as nuvens tristes
da tempestade.

Agora a neve
como um tapete
cheio de luz.

Regato límpido,
pinheiros verdes
e o céu azul.

EU TE AMEI (1829)

Talvez do amor
ainda exista
no meu silêncio
algo em minha'alma.

Mas renuncio
ao meu ciúme,
não quero mais
te entristecer.

Tanta ternura,
tanta tortura!
Como te amei!

Deus te conceda
um outro amor
igual ao meu!

(1831) ECO

Quem responde
à menina,
voz que canta
na colina?

E ao rolar
do trovão
no vazio
da amplidão?

O eco fala
e reflete
e repete

como a voz
tão fiel
da poeta.

(1831) EXEGI MONUMENTUM

Construíste
meu monumento
e certamente
não morarei.

Com minha lira
já consagrada
ficarei sempre
ativo de nada.

A Rússia imensa
exaltará
o meu valor.

Todos os povos
dão meu nome
com muito amor.

A minha lira
tem despertado
bons sentimentos
nas nossas almas.

ECO (1831)

Quem responde
à menina,
voz que canta
na colina?

E ao rolar
do trovão
no vazio
da amplidão?

O eco fala
e reflete
e repete

como a voz
tão fiel
do poeta.

EXEGI MONUMENTUM (1836)

Construirei
meu monumento
e certamente
não morrerei.

Com minha lira
já consagrada
ficarei sempre
salvo do nada.

A Rússia imensa
exaltará
o meu valor.

Todos os povos
dirão meu nome
com muito amor.

A minha lira
tem despertado
bons sentimentos
nas nossas almas,

Um dolo dia
de tin e sol
mas minha amiga
ainda dorme,

Ontem é noite
o céu em trevas
e as nuvens tristes
da tempestade.

Agora a neve
como um tapete
cheio de luz.

Reflete límbico
pinheiros verdes
e o céu azul.

EU TE AMEI (1839)

Talvez do amor
ainda exista
no meu silêncio
algo em minha alma.

mas renuncio
ao meu destino,
não quero mais
te encontrar.

Tanta ternura,
tanta ternura,
Como te amei!

Deus te conceda
um outro amor
igual ao meu!

pois neste século
de crueldade
pedi clemência
para os que sofrem.

Ó musa, escuta
a voz divina,
indiferente

aos elogios
ou às calúnias
dos insensatos!

ANCA DO HUMORISMO NA LITERATURA CEARENSE (*)

Gláudio de Azevedo

Uma conferência proferida aqui em Fortaleza, na Casa de
General Galeno, há uns anos 30, o famoso ator Procópio Ferreira
falava a parte acima.

O homem ri por dois motivos: os eternos e os
transitórios. Os motivos transitórios do riso é que
variam de época para época, de dia para dia, con-
forme as circunstâncias da própria vida, segundo as
variações desses próprios motivos e a formação dos
contrastos. (1)

Logo explicaria por que as grandes comédias de Molière,
com temas que transcendem seu tempo, fazem rir ainda hoje,
e que não acontece com todos os poemas satíricos de um
Gregório de Matos, alguns dos quais voltados para aspectos
puros e temporais.

Meu objetivo aqui é detectar o humorismo na literatura
de Ceará, ao longo dos tempos, e se vários dos textos es-
tudados não parecerem tão cómicos, isso pode-se dever não
só ao problema dos motivos transitórios, de que fala Procópio
Ferreira, mas também ao próprio gosto do selecionador.

As mais remotas atividades literárias da nossa Província,
em volta de 1813, estiveram circunscritas aos Citelros do Go-
vernador Sampaio, de que nos fala Djalma Barreto. Mas nada

(*) Conferência proferida no curso Di-Gloria, da Universidade, na UFC, em no-
vembro de 1966.

(1) BARRETO, Djalma. "Como se ria antigamente." Anais da Casa de
General Galeno, Fortaleza, Imprensa Oficial, 1951, p. 42.